

# **Investigação Científica:**

## **Precariedade, Desemprego e Emigração**



**Associação de Combate à Precariedade – Precários Inflexíveis**

**Roteiro contra a Precariedade na Investigação Científica**

## **Resultados do Inquérito aos/às Investigadores/as – Abril 2014**

---

1	INTRODUÇÃO.....	3
2	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	4
2.1	Distribuição da amostra de acordo com as áreas de conhecimento estudadas .....	4
2.2	Distribuição da amostra de acordo com grau académico completado.....	4
2.3	Distribuição da amostra de acordo com a sua situação académica/laboral atual .....	5
3	TIPO DE REGIME LABORAL .....	7
3.1	Precariedade e desemprego, duas faces da mesma moeda .....	7
3.2	Caracterização laboral dos/as investigadores/as doutorados/as.....	9
3.3	Caracterização do vínculo laboral.....	9
3.3.1	Contrato Ciência/Investigador FCT.....	10
3.4	Bolsas.....	11
3.4.1	Tipo de bolsa .....	11
3.4.2	Duração da bolsa atual.....	12
3.4.3	Tempo total de trabalho com bolsa(s).....	13
3.4.4	Número de bolsas acumuladas de acordo com tempo total a trabalhar como bolseiro/a.....	13
3.4.5	Número de bolsas acumuladas por quem esteve ou está associado/a a uma só unidade de investigação em Portugal .....	14
4	EMIGRAÇÃO/"FUGA DE CÉREBROS" .....	15
4.1	Relação entre precariedade laboral e decisão sobre emigração.....	16
5	CONCLUSÕES .....	18

## 1 Introdução

Nas instituições que compõem o sistema científico português a crise sente-se todos os dias. Seja através da realidade incontornável do estrangulamento financeiro das universidades, dos centros, dos laboratórios e dos programas de investigação, ou a dos/as investigadores/as que “fartos de andar de bolsa em bolsa” viram as suas perspetivas de futuro, mesmo que precário, ainda mais diminuídas devido aos cortes drásticos que os últimos concursos de bolsas e Investigador FCT sofreram, ou ainda da realidade da emigração forçada ou a das avaliações pouco transparentes e dos processos opacos, a crise indica que o risco de ruína é iminente. Além disso, tudo indica que esta situação preocupante não deriva apenas da escolha dos planos de austeridade como solução para a crise financeira que o país atravessa, é também um primeiro sinal de “um novo paradigma” na política de Ciência que vários governantes anunciaram, desvelando apenas a adoção de critérios empresariais e do princípio do desinvestimento público. Considerando que a sustentabilidade da investigação científica é um ponto-chave para a modernização e desenvolvimento do país, importa saber em que condições o trabalho científico é hoje realizado, para melhor avaliar as consequências das políticas de Ciência que têm vindo a ser implementadas, bem como as que estão a caminho e cujos primeiros sinais são já de devastação.

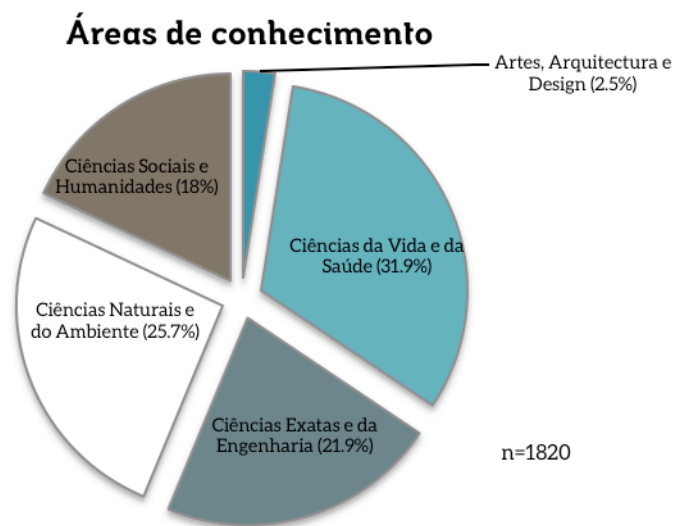
Assim, no âmbito do Roteiro Contra a Precariedade na Investigação Científica, a Associação de Combate à Precariedade – Precários Inflexíveis lançou um inquérito dirigido a todas as pessoas que trabalham em investigação, nas diferentes áreas, com o objetivo de conhecer mais detalhadamente aquilo que os/as investigadores/as já conhecem bem nas suas vidas: o peso da precariedade no trabalho científico realizado em Portugal e a “fuga de cérebros”. Para tal, foram feitas perguntas sobre o percurso académico de cada pessoa envolvida no trabalho de investigação, o tipo de vínculo laboral mantido ao longo desse percurso e se consideram emigrar ou se já o fizeram. O número de respostas obtido em tão pouco tempo (apenas um mês) é bastante significativo e demonstra que a comunidade científica está disponível para se mobilizar contra a estagnação e dormência do Ministério de Nuno Crato e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

## 2 Caracterização da amostra

O inquérito esteve disponível online para ser respondido desde dia 12 de Fevereiro até às 8h do dia 11 de Março. Obtivemos 1857 respostas. Os resultados foram tratados no sentido de excluir as respostas repetidas ou inequivocamente incoerentes, tendo sido trabalhada uma amostra de 1820 respostas. Os resultados foram convertidos em percentagens, com uma aproximação a uma casa decimal e com a apresentação do valor total de indivíduos considerados para cada análise no gráfico correspondente (variável n).

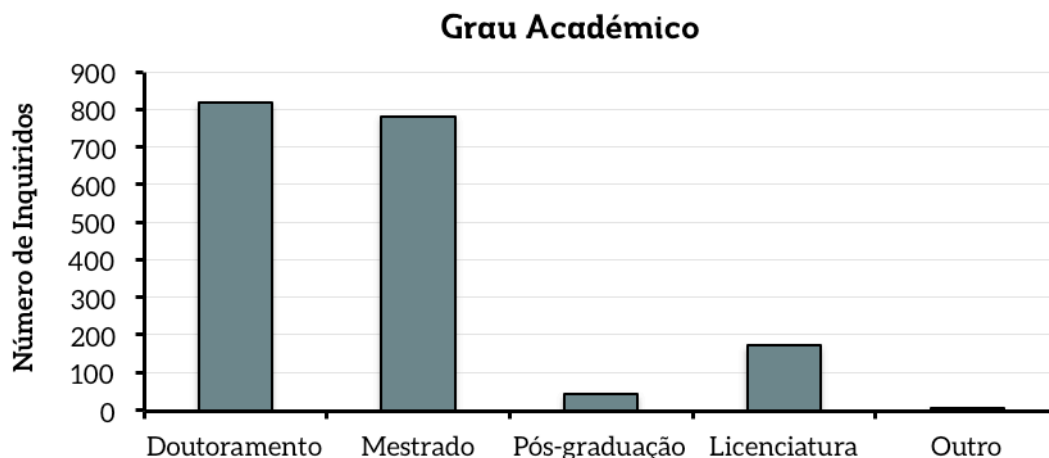
### 2.1 Distribuição da amostra de acordo com as áreas de conhecimento estudadas

Os/as investigadores/as que responderam ao inquérito distribuem-se por todas as grandes áreas do conhecimento: ciências da vida e da saúde 31,9%; ciências naturais e do ambiente 25,7%; ciências exatas e da engenharia 21,9%; ciências sociais e humanidades 18%; artes, arquitetura e design 2,5%.



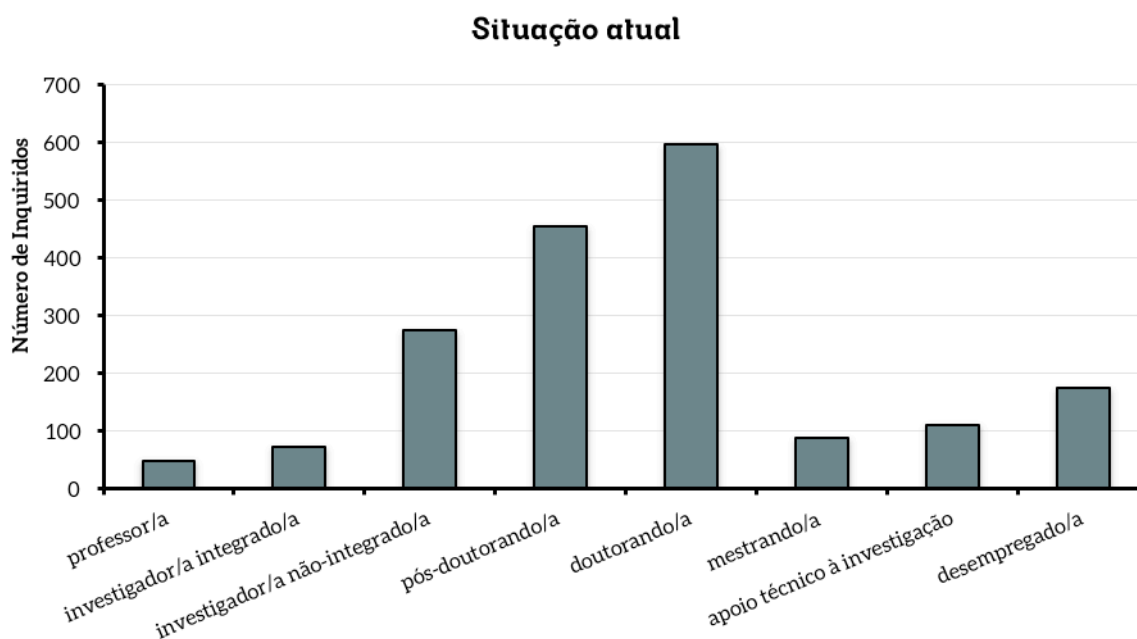
### 2.2 Distribuição da amostra de acordo com grau académico completado

Segundo os dados recolhidos, 44,9% dos/as inquiridos/as têm o grau de doutor, 43% são mestres, 9,5% são licenciados/as, 2,4% tem uma pós-graduação e 0,3% completaram outro grau de ensino.



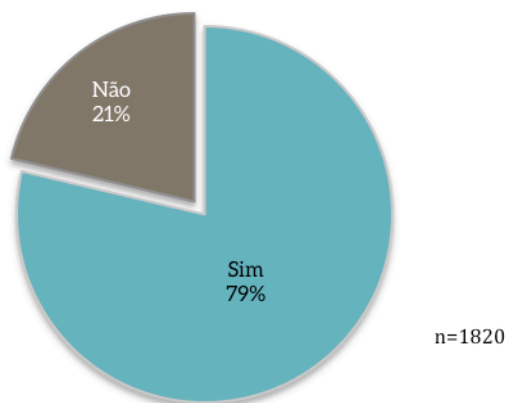
### 2.3 Distribuição da amostra de acordo com a sua situação académica/laboral atual

No que diz respeito à sua situação académica/laboral atual, 32,7% dos/as inquiridos/as estão a completar o doutoramento, 25% o pós-doutoramento, 15% são investigadores/as não integrados/as (isto é, não pertencem aos quadros das unidades de investigação por não cumprirem vários critérios cumulativos como o grau de doutor e ter um vínculo laboral com uma instituição científica), 9% estão desempregados/as, 6,1% efetuam apoio técnico à investigação, 4% são investigadores/as integrados/as e 2,7% são professores/as.



78,7% dos/as inquiridos/as são pessoas associadas a uma Unidade de Investigação & Desenvolvimento ou Laboratório Associado (distribuindo-se por 257 diferentes instituições de I&D), 21,3% não está associado/a a nenhuma Unidade de Investigação ou Laboratório.

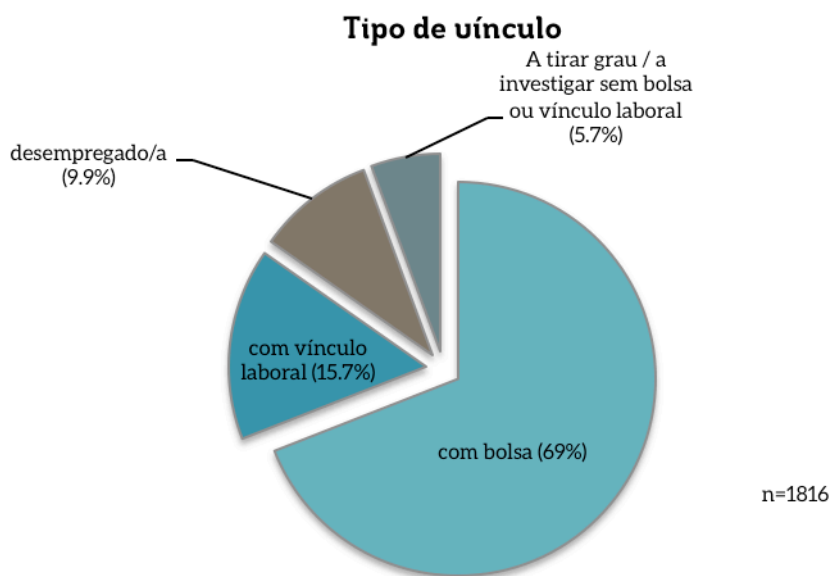
#### Integração em Unidade de I&D ou Laboratório Associado



### 3 Tipo de regime laboral

Dos/as investigadores/as inquiridos/as, 69% são bolseiros/as, 15,7% têm um vínculo laboral (contrato, recibo verde ou estágio), 9,9% estão desempregados/as, 5,7% estão a obter um grau ou a fazer investigação sem qualquer tipo de bolsa ou vínculo laboral.

>>> **Apenas 15,7% dos/as investigadores/as inquiridos trabalham mediante um vínculo laboral.**



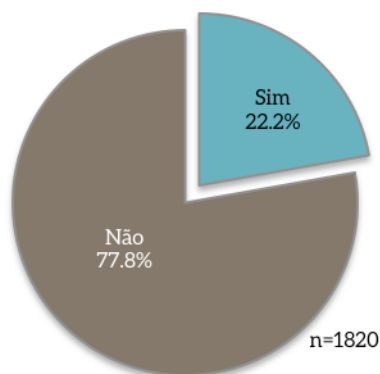
#### 3.1 Precariedade e desemprego, duas faces da mesma moeda

##### Precariedade...

A grande maioria dos/as investigadores/as inquiridos/as (77,8%) nunca trabalhou, em investigação, com um contrato de trabalho. Apenas 22,2% dos/as inquiridos/as indicaram ter tido acesso a um contrato de trabalho na área da investigação científica, pelo menos uma vez.

>>> **Na investigação científica, a máxima precariedade é a regra.**

### Já tiveram contrato de trabalho

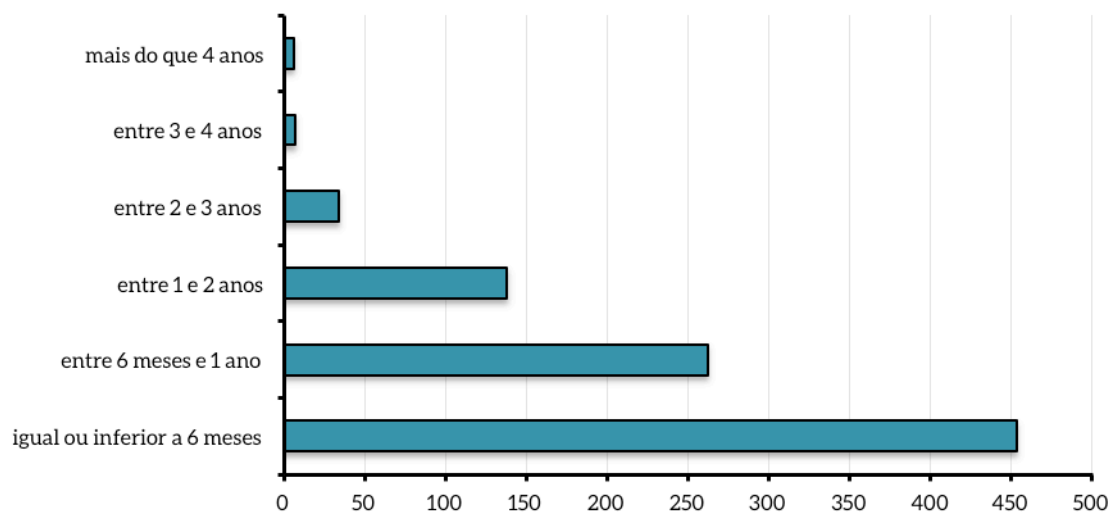


### Desemprego...

Do total de inquiridos/as, 49,4% estiveram desempregados/as em algum momento das suas vidas como investigadores/as. Dessas 900 pessoas, 50,3% estiveram desempregadas por um período igual ou inferior a 6 meses, 29,1% entre 6 meses e um ano, 15,3% entre 1 e 2 anos, 3,8% entre 2 e 3 anos, 0,8% entre 3 e 4 anos e 0,7% por mais do que 4 anos. **Considerando que 715 destas pessoas indicaram nunca ter tido acesso a um contrato de trabalho na área da investigação, inferimos que 79,5% destes/as investigadores/as não tiveram acesso a proteção social quando estiveram numa situação de desemprego.**

>>> **Na investigação científica, a desproteção social no desemprego é comum.**

### Desemprego



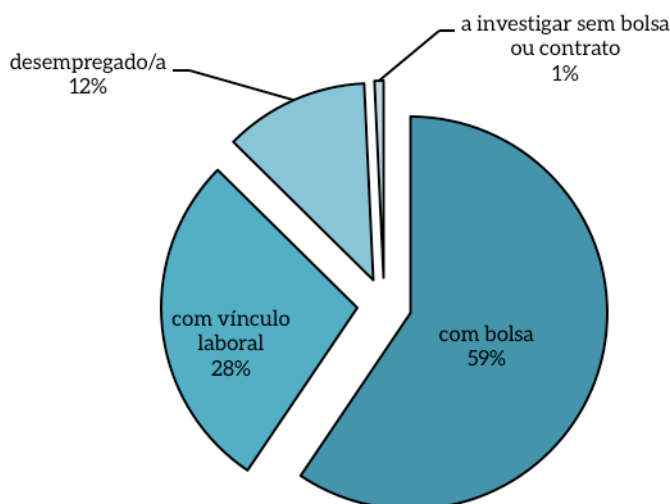


### 3.2 Caracterização laboral dos/as investigadores/as doutorados/as

Considerando o universo dos/as investigadores/as com formação académica máxima, isto é, com grau de doutor, e que não emigraram (660 pessoas), 64,7% é bolseiro/a, 22,6% trabalha com um vínculo laboral, 21,1% estão desempregados/as e 0,6% mantém-se ligado ao trabalho de investigação mas sem vínculo laboral ou bolsa.

**>>> A condição de bolseiro/a é maioritária mesmo entre quem já completou a sua formação académica, mantendo estas pessoas arredadas da construção de uma carreira científica.**

#### Tipo de vínculo dos/as investigadores/as doutorados/as



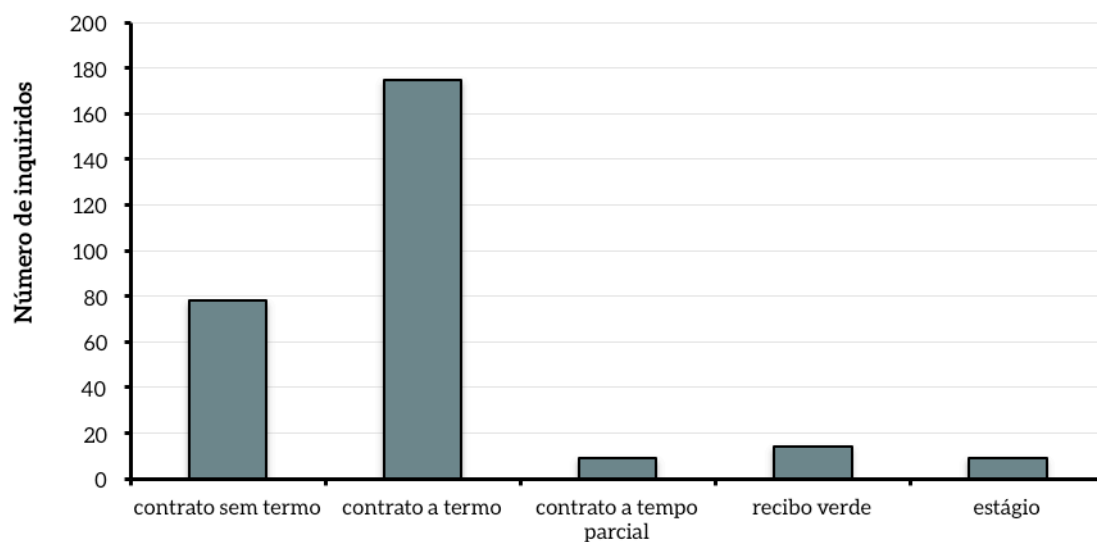
### 3.3 Caracterização do vínculo laboral

No que diz respeito às pessoas com um vínculo laboral na área da investigação, 15,7% (ou 285 pessoas) do universo inicial, 61,4% têm um contrato a termo, 27,4% têm um contrato sem termo, 4,9% trabalham a recibos verdes, 3,2% têm um contrato a tempo parcial e 3,2% são estagiários, ou seja, **72,7% destas pessoas tem vínculos precários.**

**Considerando o total dos/as inquiridos, apenas 14,4% trabalha mediante um contrato de trabalho, tendo assim acesso a proteção social e demais direitos laborais associados.**

**>>> Na investigação científica, apenas uma minoria tem acesso a trabalho com direitos.**

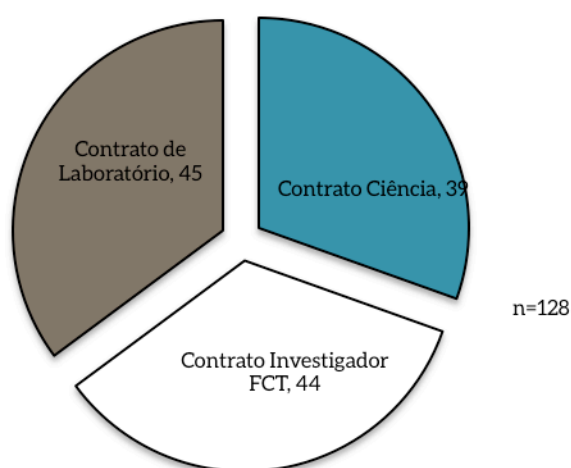
### Tipo de vínculo laboral



#### 3.3.1 Contrato Ciência/Investigador FCT

Das pessoas que têm um contrato de trabalho, 30,5% têm um Contrato Ciência, 34,4% tem um Contrato Investigador FCT e 35,2% tem um Contrato de Laboratório Associado.

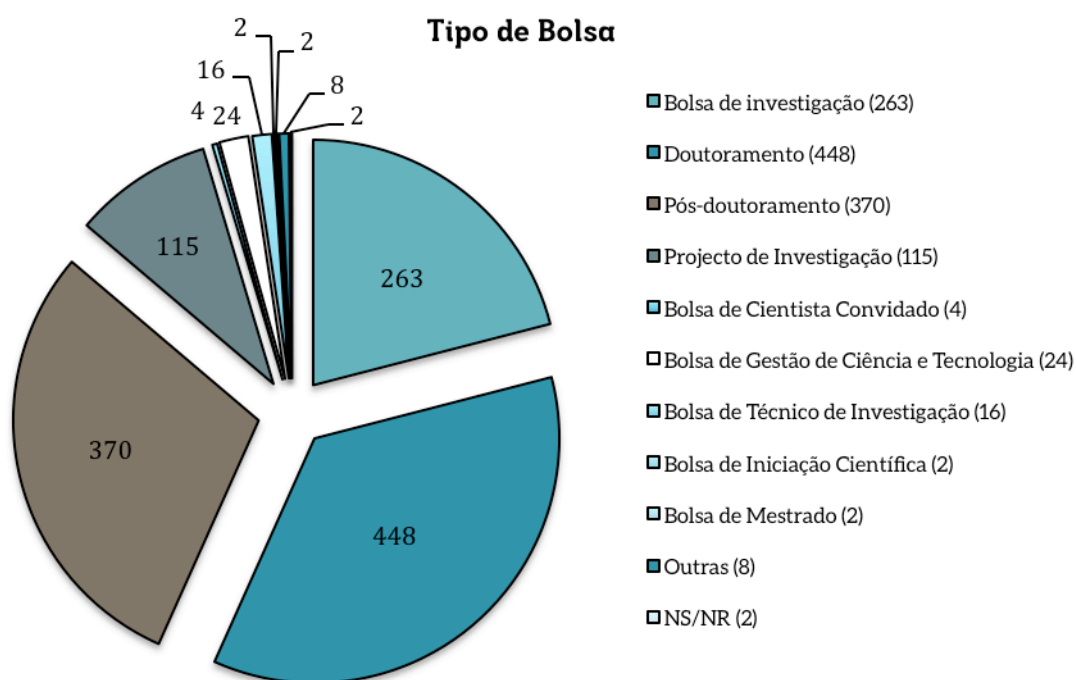
### Tipo de contrato



### 3.4 Bolsas

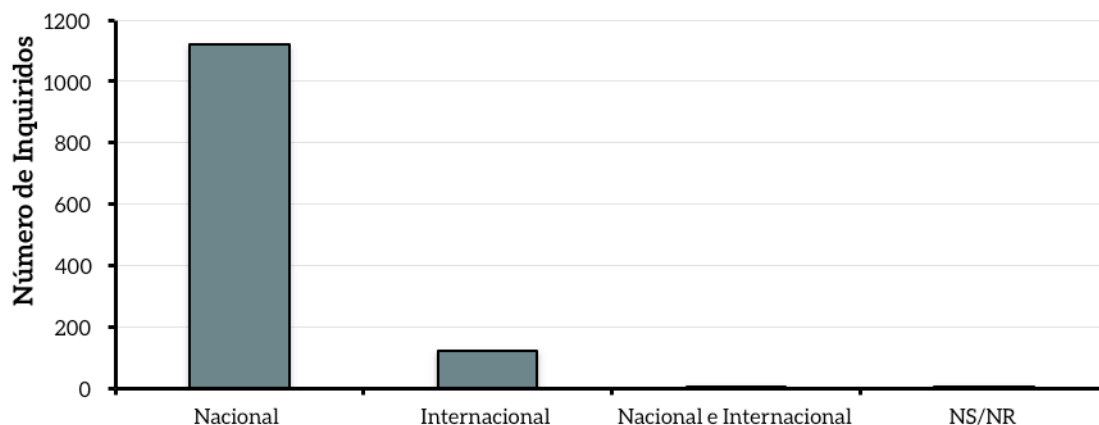
#### 3.4.1 Tipo de bolsa

Considerando em particular o universo de bolsеiros/as (69%, isto é, 1254 em 1820 inquéritos validados), verifica-se que 35,7% destas pessoas têm uma bolsa de Doutoramento, 29,5% de Pós-Doutoramento, 21% de Investigação, 9,2% uma bolsa associada a um Projeto de Investigação, 1,9% uma bolsa de Gestão de Ciência e Tecnologia, 1,3% uma bolsa de Técnico de Investigação, 0,3% uma Bolsa de Cientista Convidado, 0,2% uma bolsa de Mestrado, 0,2% uma bolsa de Iniciação Científica, 0,2% não sabe ou não responde e 0,6% tem outro tipo de bolsas.



Os/as bolsеiros/as com uma bolsa nacional são 89,4%, com uma bolsa internacional 9,9%, com uma bolsa mista (nacional e internacional) 0,4% e não sabem ou não respondem 0,3%.

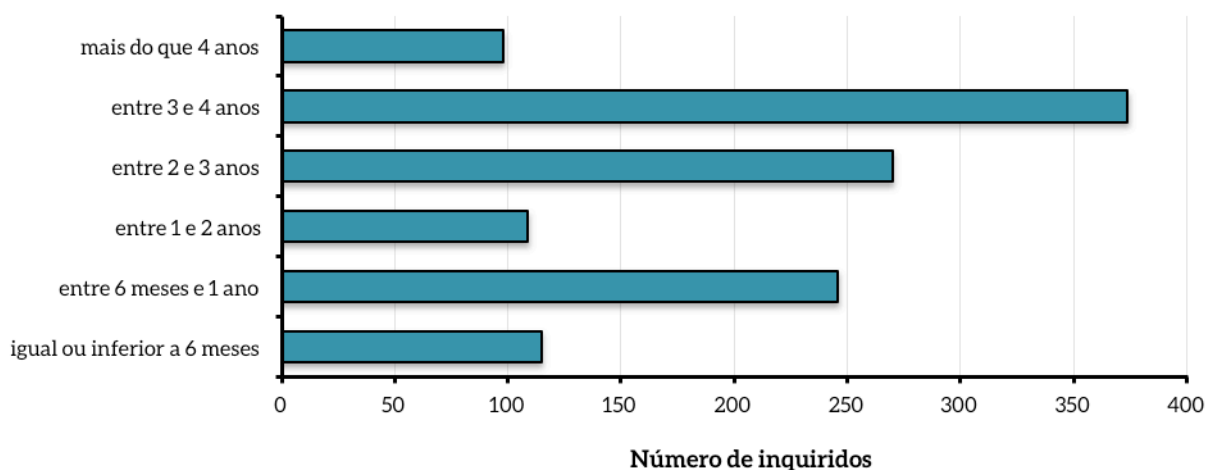
### Âmbito da Bolsa



### 3.4.2 Duração da bolsa atual

Em relação à duração da sua bolsa atual, 30,9% dos/as inquiridos/as têm bolsas com uma duração compreendida entre 3 e 4 anos, 22,3% entre 2 e 3 anos, 20,3% entre 6 meses e um ano, 9,5% igual ou inferior a 6 meses, 9% entre 1 e 2 anos e 8,1% com uma duração superior a 4 anos.

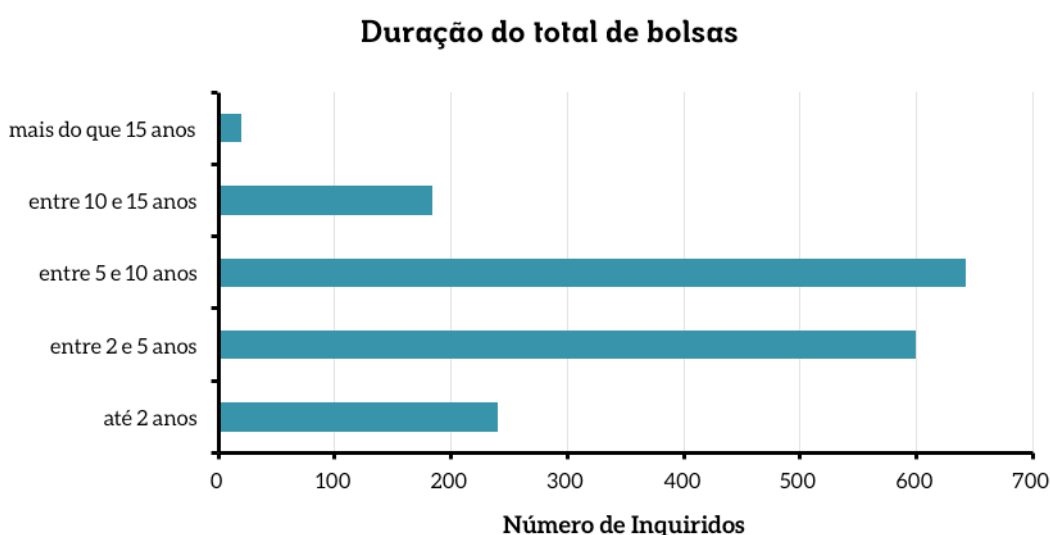
### Duração da bolsa atual



### 3.4.3 Tempo total de trabalho com bolsa(s)

Considerando o tempo total de trabalho na condição de bolseiro/a, 38,1% das pessoas acumulam entre 5 a 10 anos de bolsa(s), 35,6% entre 2 e 5 anos, 14,2% até 2 anos, 10,9% entre 10 e 15 anos e 1,2% mais do que 15 anos. **50,2% dos/as bolseiros/as inquiridos/as acumulam entre 5 a 15 anos nesta condição, sendo que cerca de 200 pessoas são bolsieras há mais de 10 anos e outras 20 pessoas são bolsieras há mais de 15 anos.**

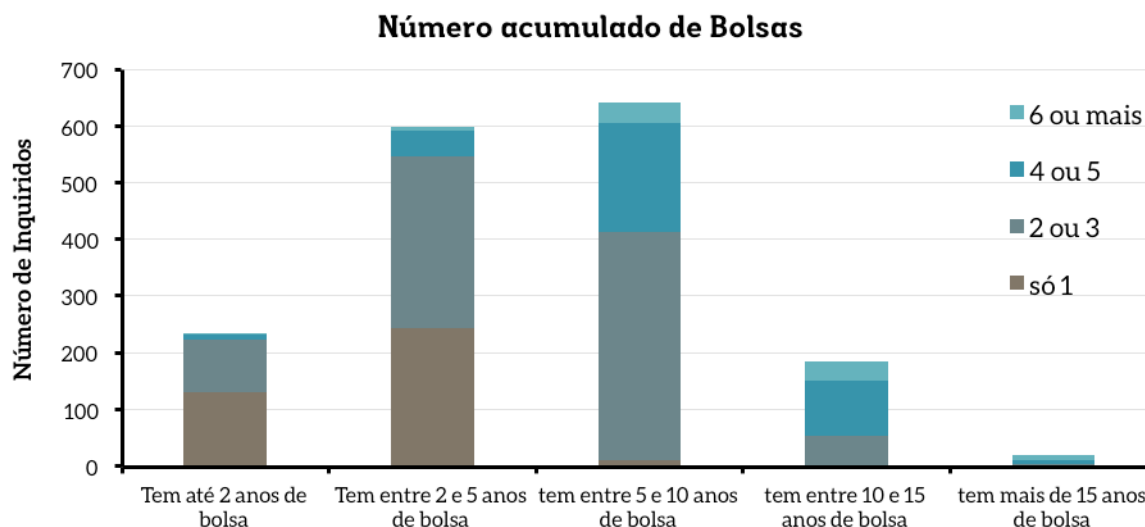
>>> **Na investigação científica, as bolsas e a precariedade eternizam-se.**



### 3.4.4 Número de bolsas acumuladas de acordo com tempo total a trabalhar como bolseiro/a

Dos/as bolseiros/as com até dois anos de bolsa, 56,2% só receberam uma bolsa ao longo desse período, 39,1% tiveram 2 ou 3, 4,3% tiveram 4 ou 5 bolsas e apenas 0,6% tiveram 6 ou mais bolsas. Para bolseiros/as com “entre dois e cinco anos” de bolsas, 40,7% tiveram apenas uma bolsa ao longo desse período, 50,6% tiveram 2 ou 3, 7,3% tiveram 4 ou 5 bolsas e 1,3% tiveram 6 ou mais bolsas. Bolseiros/as que têm “entre cinco e dez anos” de bolsas acumuladas, 1,6% recebeu apenas uma bolsa ao longo desse período, 62,6% receberam 2 ou 3 bolsas, 30,2% tiveram 4 ou 5 bolsas e 5,6% tiveram 6 ou mais bolsas. Dos/as bolseiros/as que têm “entre dez e quinze anos” de bolsas acumuladas, 0,5% teve apenas uma bolsa ao longo desse percurso, 27,7% tiveram 2 ou 3 bolsas, 53,3% tiveram 4 ou 5, 18,5% tiveram 6 ou mais bolsas. Finalmente, dos/as bolseiros/as que acumulam mais de 15 anos de bolsas, 15% receberam 2 ou 3 bolsas ao longo do seu percurso, 30% 4 ou 5 bolsas, 55% tiveram 6 ou mais bolsas.

>>> **Ser investigador/a em Portugal é andar de bolsa em bolsa.**

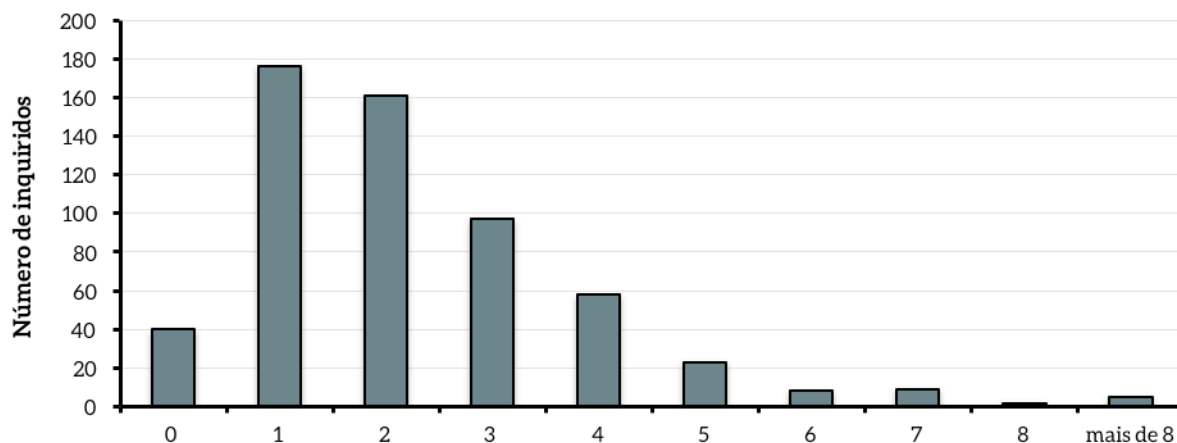


### 3.4.5 Número de bolsas acumuladas por quem esteve ou está associado/a a uma só unidade de investigação em Portugal

Considerando as pessoas que estão ou estiveram associadas a apenas uma unidade de investigação em Portugal, verifica-se que 30,4% teve apenas uma bolsa, 27,8% teve duas bolsas, 16,8% teve três bolsas, 10% teve quatro bolsas, 6,9% nunca foi bolseiro/a nessa instituição, 4% teve cinco bolsas, 1,6% teve sete bolsas, 1,4% teve seis bolsas, 0,9% teve mais de oito bolsas e 0,3% teve oito bolsas. **62,7% destas pessoas acumulou duas ou mais bolsas trabalhando na mesma unidade de investigação.**

>>> **Os/as investigadores/as acumulam bolsas sem vislumbrar a possibilidade de integração numa unidade de investigação.**

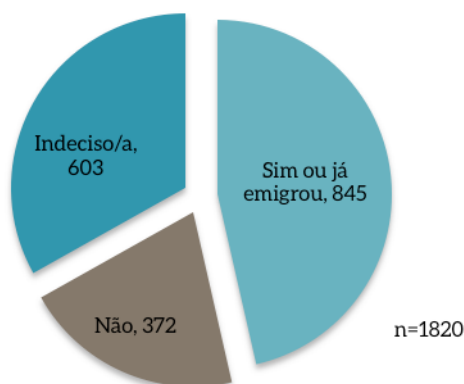
### Acumulação de bolsas numa só instituição



## 4 Emigração/"Fuga de cérebros"

Finalmente, inquiriram-se os/as investigadores/as sobre a sua vontade de emigrar. **Em resposta à pergunta "Pensas emigrar?", apenas 20,4% dos/as inquiridos/as responderam negativamente, 33% responderam afirmativamente e 33,1% afirmam-se indecisos/as.** Note-se que dos/as 1820 investigadores/as inquiridos/as, 845 pessoas consideram emigrar ou já emigraram (as que já emigraram representam 13,4% do total).

### Intenção de emigrar

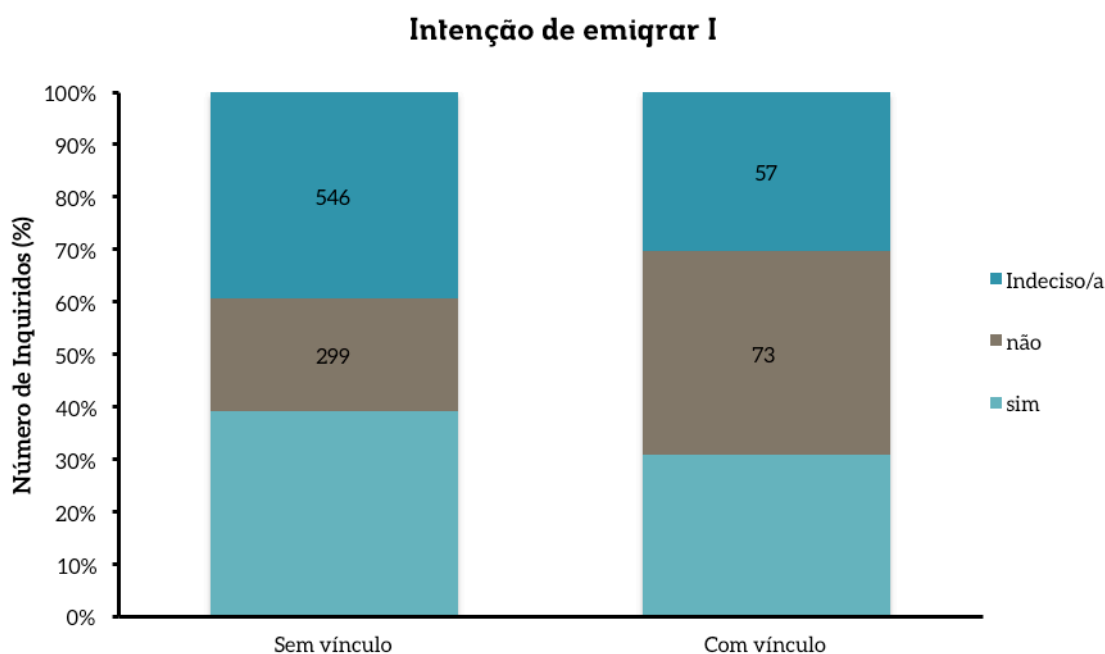


## 4.1 Relação entre precariedade laboral e decisão sobre emigração

Considerando a relação entre a intenção de emigrar e o tipo de vínculo, e excluindo os/as investigadores/as já emigrados/as, verifica-se que entre quem não têm um vínculo laboral, como os/as bolseiros/as, por exemplo, 39,1% pensa emigrar, 21,5% não pensa emigrar e 39,3% está indeciso/a. Entre as pessoas que têm um vínculo laboral, 30,8% pensa emigrar, 38,8% não pensa emigrar e 30,3% está indeciso/a.

No grupo dos/as investigadores/as sem vínculo laboral, onde se incluem os/as bolseiros/as, apenas 21,5% rejeita a hipótese de emigrar, ao passo que no grupo dos/as que têm um vínculo laboral esse valor quase duplica: 38,8%.

>>> A relação entre a máxima precariedade, o desemprego e a vontade de sair do país é inequívoca. Em particular, note-se como a precariedade associada à condição de bolseiro/a é um fator decisivo na escolha pela emigração. Além disso, até entre os/as investigadores/as que têm neste momento um contrato de trabalho, maioritariamente precário, há quem considere emigrar.

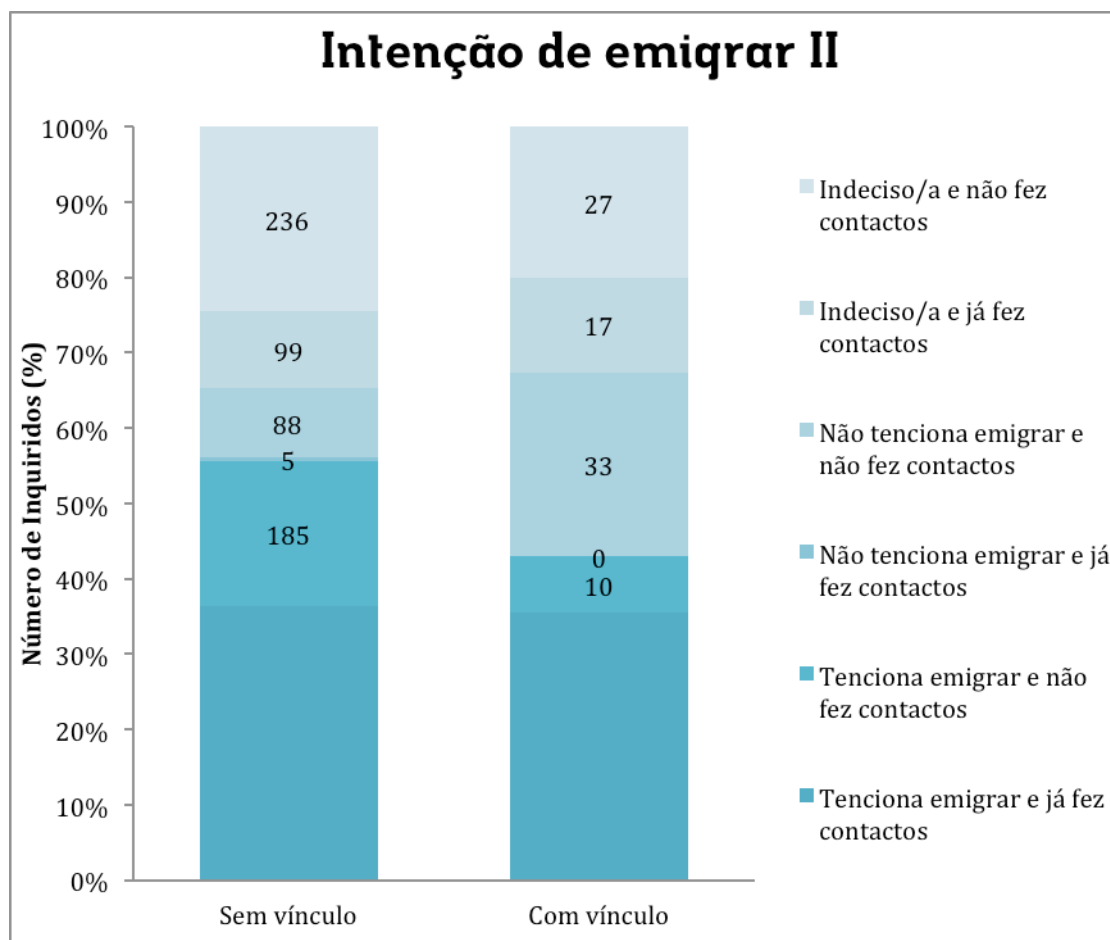


Detalhando a intenção de emigrar, verifica-se que entre as pessoas que não têm um vínculo laboral (como os/as bolseiros/as), 36,4% tenciona emigrar e já fez contactos, 19,2% tenciona emigrar e não fez contactos, 10,3% está indeciso/a e já fez contactos, 24,5% está indeciso/a e não fez contactos, 0,5% não tenciona emigrar e já fez contactos, 9,1% não tenciona emigrar e não fez contactos. Quanto às pessoas



que têm um vínculo laboral, 35,6% tenciona emigrar e já fez contactos, 7,4% tenciona emigrar e não fez contactos, 12,6% está indeciso/a e já fez contactos, 20% está indeciso/a e não fez contactos e 24,4% não tenciona emigrar e não fez contactos. Ou seja, **66,4% dos/as investigadores/as que não têm qualquer vínculo laboral (incluindo os/as bolsiros/as) e 55,6% dos/as que têm um vínculo laboral tencionam emigrar e/ou já fizeram contactos nesse sentido.**

>>> **A chamada "fuça de cérebros" como fenómeno massivo dentro da comunidade científica é um risco iminente.**



## 5 Conclusões

Uma análise simples das respostas revela que a maioria das pessoas que trabalha na área da investigação científica dificilmente tem acesso a um contrato de trabalho (estando sujeita à máxima precariedade do trabalho sem direitos configurado maioritariamente pela figura da “bolsa”), que muitas consideram ou pretendem emigrar e que há uma relação muito próxima entre a situação de precariedade laboral e a vontade de emigrar.

**De modo mais detalhado, as conclusões indicam que:**

- Na investigação científica, a máxima **precariedade** é a regra e a desproteção social no **desemprego** é comum;
- A condição de **bolseiro/a** é maioritária mesmo entre quem já completou a sua formação académica, o que indica a existência de milhares de investigadores/as privados da construção de uma carreira científica;
- Na investigação científica, apenas uma minoria tem acesso a **trabalho com direitos**, uma vez que as bolsas e a precariedade eternizam-se;
- Ser investigador/a em Portugal é andar **de bolsa em bolsa**, uma vez que os/as investigadores/as acumulam bolsas sem vislumbrar a possibilidade de integração numa unidade de investigação;
- A relação entre a máxima precariedade (em particular a condição de bolseiro/a), o desemprego e a **vontade de sair do país** é inequívoca.
- O risco da **“fuga de cérebros”** é iminente, considerando que até entre os/as investigadores/as que têm neste momento um contrato de trabalho, maioritariamente precário, há quem considere emigrar.

Os resultados deste inquérito demonstram que a estratégia de desenvolvimento e sustentabilidade do edifício científico desenvolvida nos últimos anos revela grandes fragilidades, tendo sido conseguida à custa da precarização do sector. Por outro lado, a atual política de Ciência revela uma acentuação da precariedade laboral nas suas vertentes de desproteção social, desemprego crescente e emigração forçada, através dos cortes drásticos tanto no apoio à investigação como no emprego científico de qualidade. A chamada “fuga de cérebros” é uma realidade grave e um fenómeno já de enorme dimensão. No entanto, os dados parecem indicar que as decisões políticas estão a agravar esta tendência, o que significa que este movimento é responsabilidade do Governo e não apenas fruto das circunstâncias económicas e sociais. Em sentido contrário, necessitamos de políticas públicas que implementem medidas de apoio e investimento na Investigação & Desenvolvimento, bem como promover a estabilidade laboral de quem trabalha e se dedica à investigação científica.

A realidade atual revela que, em Portugal, a Carta Europeia do Investigador não teve nem tem qualquer eco na estrutura do sistema científico. Porém, apenas o seu reforço por via do investimento público e de políticas de contratação abrangentes, garantes da qualidade da produção científica, poderão conferir-lhe sustentabilidade, bem como critérios de excelência, inovação, pluralidade, autonomia e desenvolvimento, condições que contagiarão positivamente o país. Hoje, a relação é a do retrocesso e da estagnação: ciência precária, país precário.